

DIRECTÓRIO DO SECRETARIADO DE EVANGELIZAÇÃO

I. NECESSIDADE DA EVANGELIZAÇÃO

1. Uma nova época na história da humanidade
2. Uma nova cultura
 - 2.1 Uma cultura marcada pelo secularismo
 - 2.2 O regresso do religioso e do mágico
3. Uma evangelização para hoje
 - 3.1 Antes de mais, evangelização
 - 3.2 Evangelização da cultura e das culturas
 - 3.3 Em atitude de diálogo
 - 3.4 Evangelização a partir dos pobres
4. Agentes de Evangelização
5. Desafios que se nos colocam
 - 5.1 Aculturar e inculturar o Evangelho
 - 5.2 Enfrentar a crise da mensagem cristã
 - 5.3 Ajudar a suscitar perguntas e o desejo de Deus
 - 5.4 Oferecer mais experiências que doutrinas
 - 5.5 Recuperar a credibilidade eclesial
 - 5.6 Criar comunidades vivas
 - 5.7 Suscitar, promover e formar agentes de evangelização
 - 5.8 Aproximar a Palavra ao povo de Deus

II. A CSSR AO SERVIÇO DA EVANGELIZAÇÃO

1. Constituições e Estatutos
2. Capítulo Geral XXIII

III. CAMPOS DE EVANGELIZAÇÃO

1. Missão paroquial e Santuários
 - 1.1. Missão paroquial
 - 1.2. Santuários
2. Missão Popular
3. Missão ad gentes
4. Emigração e diálogo interreligioso
5. Ecologia, justiça e paz
6. Teologia Moral

IV. SECRETARIADO GERAL PARA A EVANGELIZAÇÃO

1. Objectivo Geral
2. Objectivos específicos
3. Prioridades
4. Estratégias
5. Calendário e temas para o sexénio
6. Relação com os outros Secretariados e com o Centro para a Espiritualidade Redentorista
7. Relações com o Governo Geral
8. Contactos com o Superior (V) Provincial e com os Secretariados Provinciais.

DIRECTÓRIO DO SECRETARIADO DE EVANGELIZAÇÃO

I. NECESSIDADE DA EVANGELIZAÇÃO

1. Uma nova época na história da humanidade

Neste momento da sua história, o homem contemporâneo experimenta uma dupla vivência:

- Por um lado, a humanidade tem consciência das possibilidades que lhe oferecem a técnica e a ciência para eliminar alienações, limitações e escravidões seculares; o que lhe permite gozar fragmentos de bem-estar e de auto-libertação.

- Mas, por outro lado, os homens de hoje somos conscientes de que em cada um e na humanidade inteira, há feridas profundas que afundam as suas raízes na nossa finitude, na sedução e no poder do mal dos quais não é fácil libertar-nos. A partir daí, o homem de hoje vive: uma crescente consciência de indefesa face ao seu próprio poder e criatividade; a experiência constante do fracasso da liberdade em conseguir uma convivência justa e feliz; o anseio de uma plenitude que transcende a satisfação das suas necessidades e que, de facto, não é preenchido nem pela ciência, nem pela técnica, nem pela economia, nem pela política.

Esta dupla vivência provoca na humanidade, por um lado, um desejo de um futuro mais humano, mais digno, mais justo e feliz para todos; e, por outro, um medo difuso ante um futuro que parece ensombrado por sérias ameaças.

Todas estas mudanças, que já o Concílio definia como profundas e rápidas, e com tendência a universalizarem-se (GS 4), obrigam a Igreja a realizar um grande esforço de adaptação nas suas estruturas e concepções pastorais.

2. Uma nova cultura

2.1. Uma cultura marcada pelo secularismo

Esta cultura ameaça corroer os próprios alicerces da fé e da vida cristã. Tal cultura, filha do racionalismo e positivismo modernos e irmã inseparável da sociedade de mercado e de consumo, é a que sobretudo está a exigir uma nova evangelização; e isso tanto nos países industrialmente desenvolvidos como nas sociedades mais tradicionais.

Neste contexto de secularismo e ateísmo prático, há duas realidades que ocultam o rosto de Deus. Por um lado, a crise religiosa, que não é só crise de instituições, práticas ou costumes religiosos, senão crise profunda de fé em Deus, que se manifesta no crescimento da indiferença, nas diversas formas de idolatria moderna, na difusão de um oculto niilismo. Por outro lado, obscurecem o rosto de um Deus Pai de todos e o seu amor por cada criatura, e provocam a exclusão e o sofrimento dos que não têm uma vida digna.

2.2. O regresso do religioso e do mágico

Ao lado da cultura secularizada, surge um florescimento do religioso e do mágico. Assim, variados "produtos religiosos" são oferecidos por movimentos religiosos e seitas, como "solução imediata" de problemas de diversa índole. Esta procura de soluções imediatas com espírito mágico está subjacente no espírito de muitos cristãos que vêm às nossas igrejas.

3. Uma evangelização para hoje

O Papa João Paulo II propõe como objectivo prioritário da nova evangelização a renovação e fortalecimento das comunidades eclesiais: "Esta nova evangelização, dirigida não apenas a cada pessoa, mas a inteiras faixas de população nas suas diversas situações, ambientes e culturas, tem por finalidade formar comunidades eclesiais maduras, onde a fé desabroche e realize todo o seu significado originário de adesão à pessoa de Cristo e ao seu Evangelho, de encontro e de comunhão sacramental com Ele, de existência vivida na caridade e no serviço"(ChL 34).

Quer dizer que a nova evangelização não é apenas um movimento exclusivamente de dentro para fora, da Igreja para o mundo, como se a Igreja fosse uma realidade autónoma, já fixa e imune da influência das mudanças culturais. Paralelamente, temos de falar de um movimento da Igreja para dentro dela própria, um movimento de auto-evangelização, mediante a qual a Igreja responde com fidelidade sempre nova ao desígnio de Deus, manifestado também através dos sinais dos tempos.

Esta evangelização não pode interpretar-se como um desejo de restaurar uma situação do passado – o estado de "cristandade" – que foi definitivamente superado pelo Concílio, nem pode identificar-se com o regresso a antigos métodos e modos pastorais marcados pela falta de diálogo e pela intolerância, nem pode situar-se em concorrência ou à margem da tarefa de libertação e desenvolvimento integral do homem, que é constitutiva da missão da Igreja.

Por estas razões, atrevemo-nos a afirmar que a evangelização hoje deve ser:

3.1. Antes de mais, evangelização

O primeiro que se pede à nova evangelização é que seja autêntica evangelização. Isso supõe o anúncio explícito de Jesus Cristo como Boa Nova de Deus para o homem, como Salvador e Redentor da humanidade: de todo o homem e de todos os homens. Supõe o anúncio do Reino de Deus, núcleo da mensagem de Jesus (cf. Mc 1,15; Lc 4,43), que se oferece ao homem como dom e como tarefa (cf. Mt 6,33; 11,12). Supõe a proclamação da morte e ressurreição de Cristo como selo e sinal culminante da aliança. Sem esquecer que este anúncio do Evangelho leva consigo, ao mesmo tempo, a denúncia do pecado e de todos os poderes ou estruturas que se opõem ao Reino de Deus.

3.2. Evangelização da cultura e das culturas

Paulo VI, na *Evangelii nuntiandi*, identificou como drama do nosso tempo a ruptura entre o Evangelho e a cultura (EN 20). Por isso, ali mesmo insiste: "importa evangelizar – não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e indo até às raízes da cultura e das culturas do homem"; e esta evangelização implica "atingir e modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação (EN 19).

Quando há autêntica evangelização da cultura, ainda que a síntese entre a fé e a cultura nunca seja plena e definitiva, podemos falar de uma cultura cristã, que tende a favorecer o nascimento e o desenvolvimento harmónico da fé e os comportamentos derivados da mesma.

3.3. Em atitude de diálogo

Nem a nova evangelização em conjunto, nem a inculturação da fé em particular, podem realizar-se através da imposição ou coacção violenta. Para realizar a tarefa evangelizadora, a Igreja não pretende mais poder que o que lhe pode dar a sua autoridade moral, nem mais privilégios que aqueles que podem dimanar de uma justa liberdade religiosa. Mais ainda, a procura da eficácia na propagação da mensagem não pode realizar-se à custa de meios menos evangélicos.

Neste sentido, o diálogo continua a ser o método fundamental da acção evangelizadora. O ensino de Paulo VI na *Ecclesiam suam* conserva plena validade e deve estar muito presente sempre que se fala da nova evangelização. Assim, “o modelo do diálogo da Igreja com o mundo é o diálogo salvífico do Deus da misericórdia conosco. Tudo é diálogo na religião e na salvação do Deus de Jesus Cristo. Porque tudo nela é respeito, amor, liberdade. O nosso diálogo com o mundo deve ser claro, afável, confiado, prudente.”

Esta atitude de diálogo permitirá à Igreja reconhecer os valores existentes no seio das culturas que quer evangelizar, e inclusive deixar-se evangelizar por elas, ao descobrir as sementes do Verbo e a ação do Espírito de Deus, que secretamente atua em cada homem e em todos os povos.

O estilo de diálogo e colaboração fraterna é ainda mais urgente e necessário na relação com as outras igrejas cristãs. A nova evangelização não pode fazer-se de costas para o ecumenismo: além de ser ineficaz seria em si mesma contraditória.

3.4. Evangelização a partir dos pobres

Outra das linhas de força da nova evangelização é que esta evangelização tem de se realizar a partir da pobreza. Tal pobreza não se refere somente à humildade pessoal do evangelizador ou à simplicidade dos meios que há-de empregar, mas – mais radicalmente – a uma opção pelos pobres, que leva a partilhar a sua situação, redescobrimo e reformulando desde esta perspectiva a própria mensagem que se anuncia.

Como escreve A. González Dorado: “A nova evangelização pretende gerar um ambiente cultural em que uns homens sintam vergonha da abundância de bens enquanto outros carecem dos bens mais elementares, devido ao constante progresso de bem-estar, alimentado pelo também progressivo mal-estar de outros; e em que as gerações se sintam orgulhosas e realizadas humanamente na sua própria austeridade pela sua solidária generosidade com os pobres, com a dignidade da pessoa humana, com a vida humana e com a abertura do homem à transcendência”.

4. Agentes de evangelização

“A Igreja inteira é missionária e a obra da evangelização é um dever fundamental do povo de Deus” (AG 35). A evangelização é da responsabilidade de todo o povo de Deus. É responsável toda a comunidade cristã, todos e cada um dos grupos que a compõem, segundo os seus carismas e o seu carácter ministerial. É bem claro que a tarefa da nova evangelização só a pode realizar uma comunidade crente.

O sujeito da nova Evangelização é a comunidade cristã mais do que a pessoa individual, é mais a fraternidade crente do que pessoas concretas muito empreendedoras. E isto por motivos de realização concreta: se a nova evangelização implica a difícil tarefa de reformular a fé, e até de interpretá-la, tendo em conta a

cultura e a sociedade de hoje, este processo requer uma série de atenções e implicações que uma pessoa dificilmente pode realizar sozinha.

A promoção das distintas vocações complementares é um dos pontos em que o projeto da nova evangelização coincide com a renovação íntima da Igreja.

5. Desafios a enfrentar

É conveniente conhecer os desafios que se colocam à evangelização para poder encontrar a resposta mais comprometida e ajustada às necessidades do nosso mundo.

E isto porque a nova evangelização exige: "plena consciência do sentido teológico dos desafios do nosso tempo" (VC 81). Estes desafios devem ser examinados com cuidadoso e comum discernimento para atingir uma renovação da missão evangelizadora da Igreja.

5.1. Aculturar e inculturar o Evangelho

O processo de aculturação e inculturação do Evangelho prolonga, de alguma maneira, o próprio mistério da encarnação salvadora: "característica essencial da evangelização é que tende a realizar-se mediante um processo constante de encarnação assumindo o homem concreto, cultural e histórico de cada época e de cada lugar, de tal forma que este homem é o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no cumprimento da sua missão" (RH 14). Tudo isto supõe um processo complexo, que se realiza em diversos níveis e que tem múltiplas implicações.

A aculturação da fé, no contexto da nova evangelização, leva consigo a reformulação da boa notícia do Evangelho. Ou também a tradução ao dialecto de cada lugar do dom que nos foi oferecido.

A inculturação da fé é o resultado do processo e supõe que a fé foi acolhida pelos que receberam o anúncio do kerigma segundo a sua própria cultura, experiência de vida, situação existencial, estímulos vitais...

Para que possa haver aculturação-inculturação é necessário que haja comunicação. Sabemos, porém, que a comunicação só acontece quando se utiliza um código linguístico comum entre emissor e receptor. Ao pretender partilhar dons espirituais, a comunicação deve ter lugar no âmbito cultural do destinatário, não do evangelizador. O evangelizador deve ser "bilingue", isto é, um profundo conhecedor da sua própria linguagem cultural e um profundo conhecedor da linguagem do destinatário.

A evangelização, para enfrentar o desafio da aculturação da fé, deveria, por um lado, denunciar o empobrecimento espiritual que origina o processo de secularização em que estamos imersos, e, por outro, aprender a "linguagem secular" com as suas sensibilidades e aberturas e com os seus valores e contravalores para poder exprimir a riqueza da fé em Jesus Cristo. Deveríamos chegar a captar a secularização como um modo novo, mas maduro e adulto de dizer a fé. Tendo isto em conta, certamente nos sentiremos estimulados a procurar e descobrir pistas e novos caminhos para anunciar o Evangelho num mundo em que nem tudo é negativo, nem tudo deve ser considerado como perdido.

Para poder fazer isto, os evangelizadores necessitamos de estar impregnados de empatia movida pelo amor; empatia que nos leve a ver o mundo com os olhos do outro. Desde a perspectiva do apóstolo, ter empatia é introduzir-se tão profundamente na vida do outro e da sua cultura, que se chegue a descobrir, para além das aparências e dos sentimentos imediatos, o desejo de Deus que se aninha no mais profundo do seu coração e da sua cultura.

5.2. Enfrentar a crise da mensagem cristã

Sabemos que uma linguagem mais ou menos incompreensível é incapaz de transmitir valores que despertem a consciência pessoal ou colectiva.

É como se a linguagem religiosa em geral e a cristã em particular só fosse entendida em ambientes praticantes e como se se tratasse de uma linguagem de grupos fechados e pequenos.

É evidente a necessidade que temos de *traduzir a nossa fé e a nossa espiritualidade numa linguagem simples e acessível, para que todos a entendam e a todos diga alguma coisa*. Não se trata de reinventar tudo. Trata-se antes de ser conscientes de que nos foi regalado um verdadeiro tesouro de onde se podem tirar coisas velhas e novas (cf. Mt 13,52) e donde se pode tirar uma sabedoria sempre actual, mas com raízes longínquas, que, ao mesmo tempo enriquecem, questionam a sabedoria humana.

Hoje, mais do que nunca, tendo em conta o problema da falta de significância da linguagem cristã para tantos, pede-se aos evangelizadores que expressem a fé com *palavras e sinais cheios de sentido*, acessíveis ao homem da rua, numa linguagem normal e com palavras vivas que se entendam logo à primeira. É urgente utilizar uma *linguagem verbal e simbólica* que suscite perguntas, estimule o diálogo e provoque respostas e opções de fé. É preciso que deixemos de lado essas linguagens religiosas demasiado "piedosas" e já gastas pelo uso. Além de serem abstractas e ter pouco a ver com os problemas da vida, têm uma referência antropológica que não é da cultura e da sensibilidade do homem actual.

O paradigma da nossa comunicação encontramos-lo em Jesus Cristo. As parábolas de Jesus, com uma comunicação teológica ao alcance de todos, são ditas com palavras de sempre, com uma linguagem não religiosa, mas realmente incisiva, cheia de sabedoria, mas não carecida de emoção e tão clara que nem os doutores do Templo, carregados de sofismas, podiam evitar o seu impacto.

O evangelizador há-de preferir uma *linguagem fresca e imediata, narrativo-evocativa* em que transparece o compromisso de quem narra e em que se provoca a adesão de quem escuta, mais que uma linguagem fria e conceptual, distante e abstracta.

5.3. Ajudar a suscitar perguntas e o desejo de Deus

O problema de fundo com que nos encontramos é que parece que o homem de hoje tem atrofiado o sentido da procura. Não se faz perguntas, está como paralisado e numa atitude passiva, banal ou superficial.

Por outro lado, sabemos que se o homem não é capaz de se questionar, de duvidar e de reflectir com atenção, é impossível fazer o caminho da fé. A dúvida, a pergunta constroem o homem a continuar procurando e obrigam-no a aprofundar e a sondar novos horizontes. A dúvida, a pergunta, a interrogação podem ser a sala de espera do acto de fé. A fé surge quando o homem começa a fazer-se perguntas, quando alguém o ajuda a ordená-las e a não contentar-se com respostas parciais ou incompletas e quando alguém o acompanha na caminhada para a resposta, Deus. Por isso, os evangelizadores têm de estar convencidos de que por detrás de cada interrogação se encontra a interrogação sobre Deus.

Para poder realizar isto, é preciso que os questionamentos, ações, conteúdos e linguagens da evangelização conectem com as necessidades profundas de todo o homem e que, no nosso mundo, estão por detrás de tantas coisas que não as deixam aflorar: necessidade de sentido, de graça, de reconciliação, de libertação do pecado, de esperança.

Os evangelizadores devem estar convencidos de que os homens dos nossos dias reclamam algo que não é ciência, técnica, desenvolvimento e bem-estar, mas "experiência de salvação".

5.4. Apresentar mais experiências que doutrinas

Ninguém duvida da necessidade e da importância do conhecimento na actividade evangelizadora. O ato de fé tem a ver com o conhecimento; o conhecimento, com a verdade; a verdade, com a doutrina... Mais ainda, é impensável a experiência cristã sem algum conhecimento de Deus, que se manifesta, se revela, se dá a conhecer...apesar de permanecer sempre semi-oculto no mistério.

Mas, o cristianismo não consiste no conhecimento de uma doutrina; nem a mensagem cristã é um simples sistema doutrinal. Evangelizar não é sobretudo enunciar uma doutrina, propor uma ética ou promover umas práticas religiosas, mas actualizar a experiência salvadora, humanizadora e esperançadora que começou com Cristo e em Cristo. Haverá evangelização na medida em que haja anúncio do amor de Deus e na medida em que a comunidade cristã ofereça experiências concretas de vida, sobretudo de vida em comunidade-grupo, para experimentá-lo. A nova evangelização tem de recuperar a força da experiência. A fé cristã é um fato vital antes de ser doutrinal. Brota da experiência de ter sido encontrado por Deus na vida e na morte de Jesus Cristo, de ter sido amado, alcançado pela sua graça.

Se o cristianismo é uma experiência de fé e de vida, na evangelização temos que preocupar-nos mais em possibilitar experiências do que em elaborar doutrinas. Daí a necessidade de dar prioridade, nos projetos e nas ações, à iniciação ou fortalecimento da:

- experiência de fé, que nasce do anúncio explícito da Palavra ou proclamação do kerigma;
- incorporação na comunidade de crentes;
- vivência concreta da fé cristã, que supõe a prática da oração pessoal e partilhada; a participação assídua na celebração comunitária da fé; o exercício da caridade, da justiça e da solidariedade e da comunicação de bens; o discernimento pessoal e comunitário da Palavra e dos acontecimentos da vida.

5.5. Recuperar a credibilidade eclesial

A capacidade evangelizadora da Igreja joga-se, na nossa sociedade pluralista e secular, na credibilidade social da mesma. Credibilidade que equivale à capacidade de revelação e comunicação do mistério que a constitui, de pôr os homens perante a sua mais profunda humanidade, face às suas perguntas mais vitais.

Uma Igreja credível para os seus próprios membros e para os afastados e descrentes tem de ser hoje mais claramente lugar de comunhão, com mais sentido de pertença e menos fragmentações, com mais diálogo e comunicação; a casa de todos, intelectualmente habitável onde a busca da verdade prevaleça sobre toda a forma de obscurantismo ou de imposição autoritária; um lar de liberdade capaz de mostrar que a aceitação do Deus de Jesus é fonte de libertação permanente na existência humana; uma Igreja humanamente fecunda, experta em humanidade, criadora de humanização; uma família onde os pobres sejam os primeiros no coração e nos orçamentos; uma igreja servidora dos homens, da sociedade, do mundo, seguindo o exemplo de Jesus.

5.6. Criar comunidades vivas

A evangelização tem que conseguir criar verdadeiras comunidades em que se viva e se partilhe a fé, o testemunho e o compromisso cristão. Trata-se de comunidades de dimensão humana em que é possível a superação do anonimato e a comunicação do que cada pessoa tem de mais valioso e original: a sua experiência de Deus como boa notícia da sua existência.

Recuperar a dimensão comunitária é urgente para uma igreja como a nossa que acentuou no passado os elementos institucionais e sofreu o individualismo de uma fé sem igreja por parte de grandes camadas da nossa população.

A formação de verdadeiras comunidades cristãs tem de acompanhar o esforço decidido e paciente de estreitar os laços de comunhão entre elas, respeitando a diversidade e complementaridade dos carismas, serviços e responsabilidades, que existem no seio comum da Igreja (LG 7; ChL 20).

5.7. Suscitar, promover e formar agentes de evangelização

Sabemos que a evangelização consiste na irradiação e comunicação da experiência salvadora que vive a comunidade de seguidores de Jesus Cristo. Não existe evangelização sem evangelizadores. É possível pôr as bases de uma nova evangelização se não se desperta o potencial evangelizador dos crentes, das famílias e grupos cristãos, das comunidades e das paróquias?

A novidade da evangelização pode ser oferecida por aquele que, seguindo a Jesus Cristo, seja capaz de narrar a sua própria experiência de um Deus amigo e salvador e possa apresentar o testemunho frágil, mas convicto, de uma vida convertida e salva pela graça de Cristo, ao mesmo tempo que vive comprometido com a libertação integral do ser humano. Para isso fazem falta autênticos cristãos com a consciência da sua missão evangelizadora e suficientemente formados.

Um dos desafios fundamentais da evangelização é conseguir que seja toda a comunidade paroquial a pôr-se "em estado de missão". Ao falar de toda a comunidade, referimo-nos à equipa sacerdotal da paróquia, ao conselho pastoral, aos religiosos do lugar com o seu carisma específico e aos leigos empenhados nas tarefas especificamente evangelizadoras e fermento do Reino nos seus lugares de residência e trabalho. Mas, para tal, é preciso motivar, animar e oferecer processos formativos que possibilitem às pessoas o desempenho da sua missão a partir do próprio carisma.

5.8. Aproximar a Palavra do Povo de Deus.

A devolução da Bíblia ao povo, depois de o ter privado durante tantos séculos do acesso directo à Palavra de Deus, é um dos frutos mais salientes da renovação conciliar e pós-conciliar. Isto revolucionou a Catequese e pôs de manifesto a importância e a eficácia da Palavra de Deus nos processos evangelizadores. É que:

- A Palavra de Deus tem a força e a vitalidade que faltam a qualquer catecismo ou material que possamos preparar.
- A Palavra de Deus interpela a pessoa que a escuta, convocando-a para a fé, a oração e a conversão.
- A sua linguagem é mais narrativa, dialogal, personalizada e próxima (com uma leitura guiada de modo adequado), que a dos teólogos de ofício.

Para evitar leituras individualistas, fundamentalistas e interesseiras que não favorecem a nova evangelização, ter-se-á que fomentar a leitura da Bíblia no contexto público da comunidade e em relação com os sinais dos tempos, de modo que a sua interpretação esteja submetida ao discernimento comunitário.

II. A CSSR AO SERVIÇO DA EVANGELIZAÇÃO

1. Constituições e Estatutos

Nas nossas Constituições e Estatutos Gerais ficou recolhida com especial nitidez a nossa missão na Igreja: a Evangelização, o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo aos pobres.

Constituições

1. A Congregação do Santíssimo Redentor, fundada por Santo Afonso, é um instituto religioso de diversos ritos, missionário, clerical, de direito pontifício e isento, cuja finalidade é: “continuar o exemplo de Jesus Cristo Salvador, pregando aos pobres a Palavra de Deus, como disse Ele de si mesmo: Enviou-me para evangelizar os pobres”.

Dessa maneira, a Congregação participa do mandato da Igreja que, por ser sacramento universal de salvação, é, por natureza, missionária. Isso a Congregação realiza atendendo, com dinamismo missionário, às urgências pastorais e se esforçando por evangelizar os homens mais abandonados, principalmente os pobres.

A Congregação continua o exemplo de Cristo pela vida apostólica que compreende, a um só tempo, a vida especialmente dedicada a Deus e a obra missionária dos Redentoristas.

3. Os homens mais abandonados, aos quais, de modo especial, é enviada a Congregação, são os que a Igreja não pôde ainda prover de meios suficientes de salvação; os que nunca ouviram o anúncio da Igreja ou, pelo menos, não o recebem como “Evangelho”; ou, finalmente, os que são prejudicados pela divisão da Igreja.

Ao mesmo tempo a Congregação tem solicitude apostólica para com os fiéis atendidos pela pastoral ordinária, a fim de que, fortalecidos pela fé, se convertam continuamente a Deus e sejam testemunhas da fé na vida cotidiana.

4. Entre os grupos humanos mais necessitados de auxílio espiritual atenderão de modo especial os pobres, mais fracos e oprimidos, cuja evangelização é sinal da obra messiânica (cf. Lc 4,18) e com os quais o Cristo mesmo quis, de certa maneira, identificar-se (cf. Mt 25,40).

5. A preferência pelas condições de necessidade pastoral ou pela evangelização propriamente dita e a opção em favor dos pobres constituem a própria razão de ser da Congregação na Igreja e o distintivo de sua fidelidade à vocação recebida.

O mandato conferido à Congregação de evangelizar os pobres visa a libertação e a salvação da pessoa humana toda. Os membros da Congregação têm como incumbência o anúncio explícito do Evangelho e a solidariedade com os pobres, a promoção de seus direitos fundamentais na justiça e na liberdade, com o emprego dos meios que sejam, ao mesmo tempo, conformes ao Evangelho e eficazes.

Art. 1º — O Evangelho da salvação

6. Obrigam-se todos os Redentoristas, seguindo sempre o magistério da Igreja, a serem, entre os homens, servos humildes e audazes do Evangelho de Cristo, Redentor e Senhor, princípio e modelo da nova humanidade.

Esse anúncio visa especialmente a copiosa redenção, isto é o amor de Deus Pai “que nos amou primeiro, e nos enviou seu Filho, como propiciação pelos nossos pecados” (1Jo 4,10) e que pelo Espírito Santo vivifica a todos os que n’Ele crêem.

Essa redenção atinge o homem todo, aperfeiçoa e transfigura todos os valores humanos, para que todas as coisas sejam recapituladas em Cristo (cf. Ef 1,10; 1Cor 3,23) e conduzidas a seu fim: uma nova terra e um novo céu (cf. Ap 21,1).

Art. 2º — A evangelização

7. Testemunhas do Evangelho da graça de Deus (cf. At 20,24), os Redentoristas proclamam, antes de tudo, a sublime vocação do homem e do gênero humano. Sabem que

todos os homens são pecadores, mas sabem igualmente que esses mesmos homens já foram de um modo mais profundo escolhidos, salvos e reunidos em Cristo (cf. Rm 8,29ss.).

Empenhar-se-ão, pois, em ir ao encontro do Senhor onde Ele já está presente e atua com seu modo misterioso.

8. Procurarão assiduamente discernir, conforme as circunstâncias, o que fazer ou o que dizer: se proclamar Cristo explicitamente ou, pelo menos, com o testemunho tácito de presença fraterna.

9. Se as circunstâncias forem tais que alguma vez não haja possibilidade de propor, direta e imediatamente o Evangelho ou de anunciá-lo de modo pleno, devem os missionários, com paciência, prudência e grande confiança, dar testemunho da caridade de Cristo e, na medida do possível, fazer-se próximos de cada homem. Essa manifestação de caridade se fará pela oração, pelo sincero serviço prestado aos outros e pelo testemunho de vida, qualquer que seja sua modalidade.

Essa maneira de evangelizar prepara progressivamente os caminhos do Senhor e preenche a vocação missionária dos Redentoristas.

10. O testemunho de vida e de caridade conduz ao testemunho da palavra (cf. Rm 10,17), conforme a possibilidade concreta e a capacidade pessoal. Os Redentoristas têm na Igreja, como sua principal missão, a proclamação explícita da palavra de Deus para a conversão fundamental.

Quando chegar a hora e o Senhor lhes abrir a porta da palavra (cf. Cl 4,3), os Redentoristas, sempre prontos a dar testemunho da esperança que neles existe (cf. 1Pd 3,15), completando o testemunho tácito da presença fraterna com o testemunho da Palavra, anunciam confiantes e constantes o Mistério de Cristo (cf. At 4,13.29.31).

Para que possam cooperar sempre mais plenamente na realização do mistério da redenção de Cristo, incansavelmente rogarão ao Espírito Santo, que é Senhor dos acontecimentos e é quem dá a palavra adequada e abre os corações.

Art. 3º — **A finalidade da obra missionária**

11. Tendo recebido por graça o ministério da reconciliação (cf. 2Cor 5,18) os Redentoristas transmitem aos homens o anúncio da salvação e o "tempo favorável" (2Cor 6,2), para que se convertam e creiam no Evangelho (cf. Mc 1,15), vivam verdadeiramente o batismo e se revistam da nova criatura (cf. Ef 4,24).

Dessa forma os Redentoristas são "apóstolos da conversão", pois sua pregação tem como finalidade principal levar os homens à opção radical ou à decisão de vida por Cristo e conduzi-los com vigor e, ao mesmo tempo, com suavidade à conversão plena e contínua.

12. A conversão pessoal, porém, se realiza na comunidade eclesial. Por isso a finalidade de toda a obra missionária é suscitar e formar comunidades tais que levem vida digna da vocação a que foram chamadas, e exerçam a tríplice função que lhes foi atribuída pelo próprio Deus: sacerdotal, profética e régia.

Os missionários conduzem os convertidos a participar plenamente da Redenção que se exerce na Liturgia, principalmente no sacramento da reconciliação no qual, de modo sublime, anuncia-se e celebra-se o Evangelho da misericórdia de Deus em Cristo, e máxime na Eucaristia, pela qual se constrói a Igreja.

Dessa maneira torna-se a comunidade cristã sinal da presença de Deus no mundo. Alimentada pela Palavra de Deus dá testemunho de Cristo, passa sem cessar com Cristo ao Pai pelo mistério eucarístico, caminha na caridade e se inflama no espírito apostólico.

Art. 4º — **O dinamismo na obra missionária**

13. No desempenho de sua missão procura a Congregação agir com iniciativas audazes e com grande zelo.

Chamada a cumprir fielmente, através dos tempos, a obra missionária, que lhe foi confiada por Deus, evolui sempre na forma de exercê-la.

14. Essa obra apostólica da Congregação se caracteriza mais pelo dinamismo missionário, isto é, pela evangelização propriamente dita e pelo serviço aos homens e aos grupos mais abandonados e pobres, em relação à Igreja e às condições humanas (cf. Const. 3-5), do que por certas formas de atividade.

15. A missão da Congregação exige, pois, que os Redentoristas sejam livres e disponíveis, quer em relação aos grupos a serem evangelizados, quer em relação aos meios que servem para a missão de salvação.

Sendo sua obrigação sempre procurar novas iniciativas apostólicas sob a direção da legítima autoridade, não podem instalar-se em condições ou estruturas nas quais sua atuação já não seria missionária. Como pioneiros, descubram com perspicácia novos caminhos, através dos quais o Evangelho seja pregado a toda criatura (cf. Mc 16,15).

16. Por isso é tida em grande estima a multiforme atividade, através da qual se expressou no decorrer do tempo o trabalho missionário dos Redentoristas de acordo com as necessidades das diversas regiões. No futuro será assumida na Congregação qualquer iniciativa que pareça convir a sua caridade pastoral.

17. Julgar se determinadas prioridades já assumidas ou a serem assumidas pela (Vice) Província, estão ou não de acordo com a índole missionária da Congregação, compete ao Capítulo (vice) provincial, com o consentimento do Conselho geral.

É óbvio, portanto, que todos os Redentoristas, principalmente quando reunidos em Capítulos, devem avaliar periodicamente se os meios empregados para a evangelização no respectivo território correspondem às necessidades da Igreja e do mundo; se, e como, devem renovar-se os métodos apostólicos, de modo que sejam mantidos os meios válidos, corrigidos os que apresentem falhas e abandonados os inadequados.

Art. 5º — A cooperação na Igreja

18. Em virtude da caridade pastoral, que lhes é específica, procurem as comunidades e todos os confrades harmonizar as próprias obras com as iniciativas da Igreja universal e da Igreja particular.

Pois a missão da Congregação na Igreja, sendo serviço de Cristo, deve ser inseparavelmente serviço da Igreja.

Embora, em razão do ministério em favor da Igreja universal, os Redentoristas, de acordo com os princípios da isenção, estejam sujeitos primariamente, inclusive em virtude do voto de obediência, ao poder do Sumo Pontífice, todavia no que se refere ao ministério particular na Igreja local, estão sujeitos também ao Ordinário local.

Por isso, para instaurar e promover a fraternidade apostólica, os Redentoristas tenham sempre em vista, ao mesmo tempo, a pastoral orgânica do território e o carisma da Congregação. Em espírito sincero de serviço e com generosa disponibilidade, integrem-se nas obras e estruturas missionárias da diocese ou da região nas quais trabalham, segundo as necessidades mais urgentes da Igreja e da época.

Art. 6º — O diálogo com o mundo

19. Para desenvolverem uma obra missionária eficaz, além de cooperar com todos na Igreja, devem ter adequado conhecimento e experiência do mundo. Praticam, pois, no mundo, o diálogo missionário com toda a confiança.

Interpretem fraternalmente as angústias dos homens, para discernir nelas os verdadeiros sinais da presença e do desígnio de Deus.

Realmente, eles sabem que o mistério do homem e a verdade de sua vocação integral somente se desvendam verdadeiramente no Mistério do Verbo Encarnado. Desse modo tornam presente a obra da redenção em sua totalidade, ao darem testemunho de que aquele que segue a Cristo, homem perfeito, torna-se ele mesmo mais homem.

Estatutos Gerais

Os Estatutos Geral dão “nome” aos princípios que inspiram as nossas Constituições. Limitamo-nos aqui a enumerar os enunciados dos Estatutos que se referem à evangelização.

Art. 1 - Os homens a serem evangelizados (Const. 3-5)

09. Critério

010. Grupos de fiéis aos quais a Igreja ainda não pôde proporcionar suficientes meios de salvação

011. Os que de nenhum modo ouviram o anúncio da Igreja

012. Os que não ouvem o anúncio da Igreja como "Evangelho"

013. Os que sofrem as consequências da divisão da Igreja

014. Os fiéis chamados à conversão contínua

015. Serviço pastoral em favor os sacerdotes

Art. 2 - Algumas formas de trabalho missionário (Const. 13-16)

016. Princípio geral

017. Missões populares

018. Ministério paroquial

019. Formação catequética

020. Exercícios Espirituais

021. Incentivo da justiça e da promoção humana

022. Apostolado através dos meios de Comunicação social

023. Estudos da Teologia Moral e Pastoral

024. Aconselhamento espiritual

Art. 3 - Adaptação dos métodos apostólicos (Const. 17-19)

2. Capítulo Geral XXIII

O tema do XXIII Capítulo Geral foi "Dar a vida pela abundante redenção". Ele impele-nos a fazer da evangelização o motor da renovação interna da Congregação e da transformação dos corações dos homens e mulheres do nosso tempo e das estruturas do nosso mundo.

Recolhemos alguns parágrafos mais significativos:

"Como os apóstolos, fomos chamados 'para estarmos com Jesus e sermos enviados a pregar'. Dar a vida pela copiosa redenção exprime a nossa imensa alegria de estarmos com Jesus enquanto comunidade e de sermos enviados como comunidade a pregar aos mais abandonados. Portanto, sentimo-nos chamados, neste novo sexénio, a dedicar uma atenção particular à qualidade da nossa consagração apostólica ao Redentor." (Mensagem, n. 4)

"Cremos que a nossa Congregação continuará seguindo 'o exemplo de Cristo pela vida apostólica, que compreende, a um só tempo, a vida especialmente dedicada a Deus e a obra missionária' (Const. 1). No poder do Espírito, enfrentaremos os desafios de dar a vida pela copiosa redenção, renovaremos a nossa consagração e o nosso zelo missionário enquanto respondemos às exigências do nosso mundo. Partilharemos o nosso carisma com os leigos e estaremos abertos a tudo que possa servir a nossa missão aos pobres." (Mensagem, n. 12).

"As situações de pobreza pessoal e as estruturas injustas em muitos dos países onde exercemos a nossa obra missionária, bem como o surgimento de novas formas de pobreza e de novos pobres (imigrantes, deslocados, minorias linguísticas, étnicas e culturais, etc.) e também os que não recebem atendimento pastoral adequado, devem ser para nós redentoristas um estímulo constante na nossa missão na Igreja, visto que 'não podem os redentoristas desprezar o clamor dos pobres e oprimidos...' " (Orientações, n. 6).

"Sejam revistas periodicamente as prioridades pastorais à luz da Const. 5, dando atenção especial às situações de marginalização social e eclesial que continuam a desafiar-nos. Essas necessidades devem levar-nos a buscar, com fidelidade criativa, novas formas de actividades pastorais que correspondam melhor às carências dos homens e das mulheres do nosso mundo". (Orientações, n.7).

III. CAMPOS DE EVANGELIZAÇÃO

1. Missão paroquial e de santuários

1.1. Missão paroquial

1.1.1. Em direção a uma paróquia missionária

Nas palavras de João Paulo II, a paróquia não é principalmente uma estrutura, um território ou edifício. É sobretudo a família de Deus como uma fraternidade, animada pelo espírito de unidade, é uma casa de família, fraterna e acolhedora, é a comunidade de fiéis". A comunidade eclesial, mesmo conservando sempre a sua dimensão universal, encontra a sua expressão mais visível e imediata na paróquia. Ela é a última localização da Igreja; "é, em certo sentido, a própria Igreja que vive nas casas dos seus filhos e das suas filhas." (ChL 26).

Os Missionários Redentoristas recebem do bispo o encargo de animar evangelicamente uma parcela da diocese com o título de "Paróquia de...". Portanto, a nossa paróquia faz-se expressão dos objectivos, projectos e programas da diocese. Além disso, como família redentorista, como grupo missionário, fazemos uma aposta clara e preferencial pelo dinamismo missionário da evangelização, sobretudo quando a dimensão missionária do Evangelho é a maior lacuna e o desafio urgente que a Igreja enfrenta no âmbito cultural da modernidade e pós-modernidade.

O Estatuto 018 da Congregação do Santíssimo Redentor diz: "Os congregados que se dedicam a esse ministério devem desempenhar com toda a diligência os deveres paroquiais bem conscientes de que, quanto mais agirem com espírito missionário, tanto mais realizarão uma missão, por assim dizer, permanente".

Para que a paróquia seja uma fraternidade animada pelo espírito de unidade, não se deve reduzir a uma agência de "prestação de serviços religiosos", quer na mentalidade da equipa missionária que a anima, quer na mentalidade dos fiéis. Deve-se procurar fazer da paróquia um lugar onde todos, pastores e leigos, unidos pelo mesmo sentimento de ter Jesus Cristo no centro, edificam a comunidade com base no amor e no seguimento de Cristo.

1.1.2. A nossa proposta: Paróquia como centro da missão

Os pontos básicos para esta nova paróquia seriam:

- Urgência do anúncio missionário.
- Fundamentar a fé dos praticantes.
- Aproximar-se dos afastados.
- Promover a justiça e a caridade.

1.1.3. Objetivo geral e objetivos específicos

Objetivo geral

A paróquia faz uma clara opção missionária e evangelizadora, que nos leva a criar uma comunidade cristã viva, com a promoção de um laicado corresponsável e organizado, num verdadeiro compromisso humano de acolhimento e serviço ao povo, em diálogo permanente com a cultura envolvente e em colaboração efectiva com os que buscam transformar a realidade.

Objetivos específicos

- A paróquia promove a fraternidade ao serviço da missão.
- O carácter missionário da paróquia redentorista busca conseguir uma conversão inicial a Deus e a adesão global a Jesus Cristo com o primeiro anúncio do Evangelho e os processos missionários para os afastados da fé e os não-cristãos.
 - A paróquia potencia os processos catequéticos de inspiração catecumenal.
 - A paróquia projeta a Vida e Ação Pastoral a partir do "dinamismo missionário".
 - A paróquia programa o conhecimento, a reflexão, a contemplação da Palavra de Deus.
 - A paróquia celebra os tempos fortes e as ações litúrgicas e a oração, de modo especial a Eucaristia, fonte e cume da comunhão paroquial e com toda a Igreja local e universal.
 - A paróquia favorece a criação de pequenas comunidades ao serviço da comunhão na fé, a solidariedade e o compromisso missionário.
 - A paróquia coloca os leigos como diretamente corresponsáveis na tarefa evangelizadora da Igreja, como expressão do seu compromisso batismal e crismal. A paróquia aposta num laicado que tome consciência do seu lugar na Igreja e sinta a necessidade de se formar e de assumir as responsabilidades na missão e tarefas próprias da comunidade paroquial e da Igreja diocesana.
 - A paróquia esmera a sua capacidade de acolhimento e serviço ao povo, especialmente aos mais débeis e necessitados e colabora com quantos trabalham solidariamente pela paz e a justiça.
 - A paróquia dialoga com a nova cultura envolvente.
 - A paróquia redentorista promove as devoções próprias da CSsR e os movimentos de carácter marcadamente paroquial.

1.1.4. Critérios

- A paróquia, centro de espiritualidade: está em comunhão com a Igreja universal, integrada na Igreja diocesana, e, como paróquia redentorista, projecta o seu dinamismo missionário e o seu carácter itinerante estando próxima dos mais débeis e simples.
 - A paróquia, como âmbito de fraternidade e comunhão: esforça-se por criar comunidades vivas que têm como base a fraternidade e que vivem abertas ao acolhimento e ao encontro dos que se aproximam dela.
 - A paróquia, como centro de evangelização: vive preocupada com o anúncio do Evangelho a todos e caracteriza-se pelo seu dinamismo evangelizador e pela benignidade pastoral que tudo impregna.
 - A paróquia como lugar de celebração da fé: "A finalidade da evangelização é precisamente a de educar na fé, de tal modo que leve cada cristão a viver – e a não receber passivamente – os sacramentos da fé" (EN 47).
 - A paróquia promove a justiça e a caridade: os crentes numa comunidade paroquial devem testemunhar a caridade da Igreja, derivada da caridade de Cristo, e isso implica promover a justiça, a solidariedade, a comunhão e a paz.

1.2. Santuários

1.2.1. Participação na vida e na missão da Igreja.

O objectivo da missão dos santuários é anunciar o Evangelho de Jesus Cristo, a sua Pessoa, a sua vida, a sua morte e ressurreição para proporcionar um encontro

pessoal com Cristo, na comunidade e ajudar cada pessoa na sua adesão a Ele e no compromisso de o seguir, realizando a tarefa missionária confiada por Ele à Igreja.

A sua missão consiste em motivar o povo de Deus, que se coloca na condição de peregrino, a assumir, através de opções fundamentais e à luz da mensagem de cada santuário, a vida da Igreja.

1.2.2. Directrizes do Santuário

Os santuários devem estar integrados na pastoral orgânica da Conferência e Episcopal, e da Igreja particular.

- O santuário é, para muitos, o único lugar onde se abrem à Palavra de Deus e recebem os sacramentos. Daí a necessidade de uma atenção especial à pastoral dos santuários para que sejam lugares de verdadeira evangelização e se integrem na pastoral de conjunto.

- Os agentes de pastoral são os responsáveis das actividades pastorais e litúrgicas do santuário, feitas em espírito de equipa, através de estudo e planificação, de visão e disponibilidade. Os leigos devem colaborar, assumindo serviços especiais e ministérios próprios, conforme a prática da igreja.

- No santuário, o trabalho de pastoral vocacional deve ser organizado e dinâmico, ajudando a esclarecer e orientar os peregrinos sobre a sua vocação cristã e específica.

- Os agentes de pastoral do santuário devem ter presente que os peregrinos vêm como parte de uma comunidade, representam os que não vêm e regressam renovados para partilhar com os irmãos a mensagem do santuário.

- A religiosidade dos peregrinos deve ser fomentada e valorizada, respeitando as suas práticas religiosas e dando-lhe novas orientações.

1.2.3. Confraternização dos peregrinos

Os peregrinos devem encontrar no santuário um espaço para manifestar a comunhão, a solidariedade, a união entre eles, à imagem da primeira comunidade cristã. Para isso:

- É imprescindível que haja no santuário um clima de alegria e acolhimento.
- O santuário deve oferecer uma adequada atenção humana.
- O santuário deve cultivar o espírito artístico dos peregrinos, dando-lhes a oportunidade para as suas manifestações festivas.
- As actividades comerciais no santuário devem evitar ostentações e abusos.

1.2.4. Escuta e meditação da Palavra de Deus

O santuário deve ajudar os peregrinos a escutar e a meditar a Palavra de Deus, de tal modo que possibilite a conversão fundamental. Para tal, deve utilizar-se uma linguagem simples, rica em exemplos e que abra as portas da esperança.

Também a Palavra de Deus celebrada na liturgia deve ser ilustrada mediante os meios de comunicação social.

1.2.5. Oração pessoal e comunitária

O santuário deve ajudar o peregrino na sua oração pessoal e comunitária. Para isso:

- Deve favorecer-se a oração pessoal e comunitária que brota como resposta à Palavra de Deus e das experiências vividas pelos peregrinos.
- Os peregrinos devem ser convenientemente preparados para participar consciente e activamente na liturgia do santuário.

1.2.6. A reconciliação e a cura

O santuário deve ajudar os peregrinos a celebrar a sua reconciliação com Deus, levando-os a uma real conversão a uma autêntica vida cristã. Devem favorecer-se, portanto, celebrações tipicamente penitenciais em ordem à reconciliação.

Muitos peregrinos vêm por causa da cura física. Também eles devem ser acolhidos e acompanhados com especial delicadeza.

1.2.7. Celebração da eucaristia

A grande assembleia, irmanada no santuário, será convidada para a celebração eucarística como centro da vida cristã e da romaria.

A Eucaristia deve revestir-se de esperança, celebrando as realidades da vida, de modo que reanime os peregrinos e os encha de alegria para o seu regresso. A eucaristia deve celebrar-se de tal modo que os peregrinos participem melhor na vida do santuário e das suas comunidades locais e se sintam solidários com os mais necessitados.

1.2.8. Conclusão

A nossa responsabilidade nos santuários é acolher os peregrinos, com as suas alegrias e esperanças, e com as suas perguntas, com as suas dúvidas, com os seus temores, com as suas dores. Devem encontrar em nós um ouvido atento, um coração disponível como o do nosso Deus, que é misericórdia e perdão.

2. Missão Popular

A missão popular foi um método característico de evangelização para os redentoristas desde o tempo de Santo Afonso, que se manteve até aos nossos dias, mostrando grande eficácia na renovação das pessoas e das comunidades cristãs.

O Concílio Vaticano II e as orientações pastorais no pós-concílio, as profundas mudanças políticas, sociais e culturais, exigiam outro tipo de missão para o povo. O fenómeno dos afastados, a situação da incredulidade cada vez mais aguda, o afastamento da fé de grandes multidões, a diminuição da prática dominical, o aumento de católicos não praticantes, a perda de valores éticos,... foi tornando cada dia mais claro que estamos num mundo que necessita, mais do que nunca, de um novo anúncio do Evangelho.

2.1. Pressupostos

Por isso, a missão popular foi-se submetendo a uma processo de revisão e atualização nos questionamentos, estratégias e métodos, que parte dos seguintes pressupostos:

- A missão popular é uma acção pastoral extraordinária para ajuda da pastoral ordinária.
- É a comunidade paroquial que se põe em estado de missão. É ela a protagonista de todas as ações. Os missionários são colaboradores especializados da comunidade.
- A missão popular não é simplesmente um ato pontual, isolado e extraordinário da pastoral evangelizadora, mas um projeto concebido em forma de processo, com

três etapas bem definidas: Pré-missão, Missão e Pós-missão, que ocupam vários anos de trabalho missionário.

2.2. Objetivos

A missão popular é um tempo forte de evangelização extraordinária, durante o qual a comunidade, ajudada pelos missionários, se auto-evangeliza, fortalecendo a experiência cristã dessa comunidade, promovendo o nascimento de grupos de catequese de adultos, ajudando a estabelecer caminhos de aproximação dos afastados, e potenciando assim o projecto pastoral da própria comunidade.

Portanto, os objetivos desta ação missionária são:

- Estimular os praticantes. Provocar nos membros da comunidade paroquial um encontro forte com os outros cristãos e com a Palavra de Deus, encontro de que saiam fortalecidos e renovados na sua vida de fé.
- Detectar novos colaboradores. Ajudar cada membro da comunidade a descobrir qual o lugar da sua responsabilidade e de serviço na comunidade e no bairro.
- Aproximar os afastados. A comunidade paroquial vai ao encontro dos que se afastaram da fé ou da prática religiosa para estabelecer um diálogo, a partir do Evangelho.
- Início de grupos de formação na fé. É a grande lacuna da maioria dos nossos cristãos à qual se procura dar resposta com as assembleias familiares e, posteriormente, com a catequese de adultos.

A estes objectivos gerais, cada paróquia deverá acrescentar os objectivos particulares que se propôs no seu projeto pastoral.

2.3. Etapas

O processo de Missão tem três etapas que designamos com os nomes de:

- **Pré-missão:** tem o sentido explícito de preparar a missão propriamente dita, mas pode ser entendida também como a missão aos praticantes, com o fim de convertê-los em agentes de evangelização. Para isso joga um papel muito importante a formação de agentes.
- **Missão:** é o "tempo forte de evangelização". Nas cidades costuma durar ordinariamente duas ou três semanas, com três dias de preparação; e uma semana ou 10 dias nas paróquias rurais não superiores a 600 habitantes. As reuniões de vizinhos em pequenos grupos e a pregação kerigmática ocupam o centro destas duas semanas.
- **Pós-missão:** o principal motivo da pós-missão é consolidar os frutos conseguidos na missão e, especialmente, assegurar a dimensão missionária que se veio potenciando desde a pré-missão: preocupação pelos afastados, os indiferentes, os não praticantes...

2.4. Agentes da Missão

A paróquia é neste momento a protagonista da missão. Os sacerdotes da paróquia são os primeiros missionários; sem eles não se pode realizar este tipo de missão.

Colaborando com a paróquia intervêm, como responsáveis da missão, os missionários. Nas equipas missionárias redentoristas também costumam participar religiosas e leigos que partilham o nosso carisma.

2.5. Conteúdos da pregação e método

A missão anuncia o núcleo básico da nossa fé, o Kerigma.

A metodologia é viva e festiva, favorecendo a participação activa e a celebração simbólica, metodologia adaptada à situação em que vivem e à linguagem que entendem os homens e mulheres de hoje.

3. Missão ad gentes

3.1. Um marco religioso complexo e em movimento

É verdade que nos encontramos hoje perante uma situação religiosa bastante diversificada e mutante; os povos estão em movimento; realidades sociais e religiosas, que antes eram claras e definidas, transformam-se hoje em situações complexas. Basta pensar em alguns fenómenos, como o urbanismo, as migrações massivas, o movimento de exilados, a descristianização de países de antiga cristandade, a forte influência do Evangelho e dos seus valores em nações de grande maioria não cristã, o aparecimento de messianismos e seitas religiosas. É uma deslocação tal de situações religiosas e sociais, que resulta difícil aplicar concretamente determinadas distinções e categorias eclesiais a que já estávamos acostumados.

Temos de precaver-nos, contudo, contra o perigo de igualar situações muito diferentes e de reduzir, senão fazer desaparecer, a missão e os missionários ad gentes. Afirmar que toda a Igreja é missionária não exclui que haja uma específica missão ad gentes.

Como diz João Paulo II: "Num mundo que, com o encurtar das distâncias, se torna cada vez menor, as comunidades eclesiais devem ligar-se entre si, trocar energias e meios, empenhar-se juntas na missão, única e comum, de anunciar e de viver o Evangelho. As Igrejas mais jovens têm necessidade da força das mais antigas, enquanto que estas precisam do testemunho e do entusiasmo das mais jovens, de forma que cada igreja beneficie da riqueza das outras igrejas" (ChL 35).

Também as nossas Constituições nos recordam que no mais central do nosso carisma está a missão ad gentes: "Os homens mais abandonados, aos quais, de modo especial, é enviada a Congregação, são os que a Igreja ainda não pode prover de meios suficientes de salvação; os que nunca ouviram o anúncio da Igreja, ou, pelo menos, não o recebem como 'Evangelho'; ou, finalmente, os que são prejudicados pela divisão da Igreja" (Const. 3).

3.2. Missão ad gentes

Ainda que a missão seja tarefa de todo o baptizado, há contudo algumas pessoas que consagram a sua vida à missão ad gentes, cujo fim específico é o anúncio do Evangelho e a implantação da Igreja entre os povos ou grupos que ainda não conhecem Cristo.

Trata-se de uma actividade primária da Igreja, essencial e nunca concluída. Por isso, a Igreja não pode subtrair-se à perene missão de levar o Evangelho a quantos – e são milhões de homens e mulheres – não conhecem ainda Cristo Redentor do homem. Esta é a responsabilidade mais especificamente missionária que Jesus confiou e diariamente volta a confiar à sua Igreja. Como redentoristas, sentimos a urgência de que a Redenção de Jesus Cristo chegue a todo homem e mulher de todo lugar. Por isso, estamos sempre dispostos a fazer-nos presentes em qualquer lugar do mundo onde seja necessária a nossa presença para a implantação do Evangelho nos corações das suas gentes.

3.3. Alguns sinais de evangelização

Talvez neste momento da vida da nossa Congregação, as comunidades internacionais sejam uma resposta à necessidade de novas presenças em lugares onde ainda não foi implantada a Congregação e urge levar a Boa Nova do Evangelho.

Estas deveriam ser modelo de diálogo respeitoso entre os que levamos a notícia de Jesus Cristo e os que ainda não ouviram falar dEle, ou são membros de outras religiões.

Por outra parte, o anúncio do Evangelho em terras de missão deve ir acompanhado de sinais que mostre a força libertadora de Jesus Cristo e da sua mensagem. Daí a necessidade de uma evangelização comprometida na promoção humana e na luta pela paz e pela justiça.

3.4. As Estações Missionárias

No contexto dos países do sul, sobretudo no interior, há um campo de evangelização clássico que ainda perdura: as estações missionárias. Trata-se de grandes zonas de evangelização com uma sede que aglutina diversas estruturas e serviços, servindo de base para a animação itinerante e periódica de um grande número de povoações e aldeias que compõem a zona pastoral.

Essa estrutura começa a tomar corpo nalguns países tradicionalmente cristãos devido à escassez de vocações e com características peculiares de cada contexto.

Este campo de evangelização exige uma grande capacidade de trabalho em equipa, a disponibilidade para a itinerância e para enfrentar as dificuldades próprias do lugar. Além disso, o serviço de evangelização deve apoiar-se fundamentalmente no trabalho dos líderes leigos locais, pelo que a sua formação deve constituir uma das primeiras prioridades neste campo de missão.

4. Imigração e diálogo interreligioso

4.1. Mobilidade humana e diálogo interreligioso

As migrações modernas transformaram-se numa realidade estrutural da sociedade contemporânea. Constitui um fenómeno sempre complexo do ponto de vista económico, social, político, cultural e religioso.

Estas migrações podem ser um vector de mensagem de salvação para todos os homens e testemunham que dentro da situação caótica e contraditória dos acontecimentos humanos, Deus continua a realizar o seu desígnio de salvação até que todo o universo seja recapitulado em Cristo (Ef 1,10; Col 1,6-20).

No contexto da mundialização, as migrações modernas provocam uma mistura de culturas e de religiões em todos os continentes. A Congregação deve estar atenta a este fenómeno irreversível sob um duplo aspecto: a pastoral de emigrantes e o diálogo interreligioso.

Os confrades estão em contacto permanente nas suas Províncias com os estrangeiros, os migrantes, os refugiados, ou os crentes das diversas tradições religiosas: muçulmanos, budistas, etc.

Seria bom identificar na Congregação as iniciativas interculturais e interreligiosas mais significativas. É importante que os confrades completem a sua formação básica em ordem a uma pastoral específica que tenha em conta a realidade humana, social e religiosa das migrações. As comunidades internacionais poderiam ser úteis nesta perspectiva.

a. A nossa Congregação é enviada à população mais abandonada e deve ser sensível ao fenómeno migratório e deve apoiar os confrades empenhados no trabalho com os migrantes que vivem em condições de exclusão, de marginalização, de pobreza ou injustiça. Este trabalho está particularmente confiado ao Secretariado para a Evangelização constituído em cada Província.

b. A Congregação não será negligente no que toca ao diálogo interreligioso. A Igreja Católica empenhou-se desde o Concílio Vaticano II (*Ecclesiam Suam*, de Paulo VI; declaração conciliar *Nostra Aetate*). Há confrades com uma grande experiência neste terreno. Trata-se de viver e pensar a presença cristã no contexto da secularização e do pluralismo cultural e religioso, evitando ao mesmo tempo o relativismo e o fechar-se sobre a própria identidade. Não deve haver missão sem diálogo.

Os textos oficiais da Igreja Católica distinguem quatro formas de diálogo:

- O *diálogo da vida*, onde os habitantes de um mesmo bairro ou da mesma cidade aprendem a conhecer-se melhor através dos seus costumes ou das suas religiões para um melhor "viver juntos"; partilhar as suas festas respectivas (Natal, Ramadão, etc.); luta contra o racismo...

- O *diálogo da cooperação*, através do qual os crentes de tradições religiosas diferentes trabalham juntos com objectivos comuns: desenvolvimento de uma região de África onde cristãos e muçulmanos trabalham conjuntamente, animação social em bairros marginais das grandes cidades do Ocidente, etc.

- O *diálogo teológico*, mediante o qual os especialistas de cada religião relem juntos o seu património cultural e religioso, para discernir melhor os pontos de divergência e os pontos de convergência. O grupo islâmico-católico (GRIC) é um exemplo. Alguns contenciosos históricos podem ser assim superados.

- O *diálogo espiritual* ou de expressões espirituais sobre o sentido de Deus, do absoluto, da vida. O diálogo interreligioso monástico (DIM) entre os monges cristãos do Ocidente e os budistas de Ásia é disso um exemplo.

Não se trata de converter o outro à sua própria religião, mas de deixar-se converter por Deus, através do contacto de uns com os outros a partir dum aprofundamento e duma maior fidelidade à nossa respectiva fé.

4.2. A situação presente exige da nossa parte uma tríplice preocupação:

- Para seguir as orientações do Vaticano II que definiu a Igreja como sinal e serviço da unidade da família humana e da união do homem com Deus, dever-se-ão desenvolver relações exigentes de cordialidade e cooperação com os fiéis de todas as religiões, tendo em conta o imprescindível respeito da liberdade religiosa.

- Acompanhar teológica e pastoralmente as experiências do encontro interreligioso. O importante é buscar o que a revelação de Deus em Jesus Cristo nos diz de Deus, do homem e do mundo, no contexto de pluralidade de culturas e religiões.

- Favorecer a investigação universitária, em particular o trabalho teológico, confrontando-a com a ciência da religião, da filosofia e da ética.

4.3. Pistas concretas que se apresentam:

- Estimular e favorecer as mudanças e partilhar as experiências (pastoral de migrantes e diálogo interreligioso) entre confrades a nível de região: sessões de formação e publicações.

- Criar na Academia Alfonsiana ou no ISCM de Madrid um curso sobre o diálogo interreligioso.

5. Ecologia, Justiça e Paz

A acção em favor da justiça é um elemento constitutivo da pregação do Evangelho (Sínodo 1971).

O nosso Secretariado para a Evangelização entende que a justiça bíblica é um elemento essencial na nossa missão e na nossa evangelização. A evangelização que não toma a sério a justiça bíblica como algo fundamental simplesmente não é evangelização.

O estilo de vida dos redentoristas, como de outras muitas comunidades religiosas, converteu-se num estilo de vida da classe média. Para alguns, isto é uma bênção; para outros, é um problema. Pensemos na passagem do evangelho de Marcos onde S. Pedro está "aquecendo-se a si mesmo nos fogos do Império". Quando é apontado como um dos seus discípulos, Pedro nega conhecer o Senhor. Muitas vezes também nós temos sido "aquecidos pelos fogos do Império" e adoptamos as características e comportamentos do mundo que nos rodeia. Muitos redentoristas acostumaram-se a este nível de vida e, por isso, se torna mais difícil viver com os pobres e identificar-se com os seus problemas.

Tradicionalmente fizemos muito bem as obras de caridade, mas não fizemos o mesmo com a justiça. O evangelho é tão contrário ao caminho do mundo que não temos só que falar dele, mas levá-lo à vida. O Papa Paulo VI disse: "O que o mundo necessita hoje não são mestres nem pregadores, mas testemunhas". O Papa João Paulo II vê que "o novo totalitarismo é económico" e "as estruturas económicas injustas são as que mantêm a pobreza e a fome da gente no mundo".

Caridade e justiça não são o mesmo. As duas são necessárias, mas os que trabalham na luta pela justiça muitas vezes não são compreendidos e encontram oposição dentro da sociedade e também na Igreja e na Congregação. O nosso Secretariado chama-nos a atingir uma evangelização profética nestes "novos tempos".

Guia

O Secretariado de Evangelização entende que para que a nossa evangelização seja genuína temos de, primeiramente, dar testemunho do que pregamos com as nossas vidas. Para alcançar este fim oferecemos os seguintes pontos de reflexão, como um guia na nossa preparação para a missão e a evangelização:

- O trabalho da evangelização deve situar-se no mundo de hoje. Devemos reconhecer os efeitos da globalização em todos os povos.
 - Uma evangelização verdadeiramente redentorista deve esforçar-se por abranger a pessoa inteira, pois o interesse pelos problemas da nossa gente deve ser para nós o mais importante.
 - O nosso trabalho deve procurar erradicar a pobreza extrema e a fome no mundo.
 - Devemos preocupar-nos com a educação básica de todos.
 - Devemos promover a igualdade dos sexos e a libertação da mulher.
 - Devemos preocupar-nos com a luta contra a mortalidade infantil e a pobreza das crianças. Além disso devemos esforçar-nos por erradicar a exploração infantil e o tráfico sexual.
 - Os nossos esforços na Evangelização devem promover o acesso de todos à habitação.
 - Devemos preocupar-nos em combater a SIDA, a malária e outras doenças.
 - Devemos preocupar-nos com o meio ambiente sustentável.
 - Nos países mais ricos do mundo, devemos pregar uma mensagem que desperte para um desenvolvimento solidário.

- Devemos pregar contra o comércio de armas, que causa tanta miséria no nosso mundo.
- Devemos preocupar-nos profundamente com os efeitos que a cultura da droga provoca na nossa juventude.
- Devemos estar conscientes de que vivemos na “aldeia global” e que o trabalho da evangelização numa parte do mundo afecta a outra parte.
- Finalmente, devemos renovar a nossa consciência para evangelizar as novas realidades do mundo de que fazemos parte.

O Secretariado Geral para a Evangelização reflectiu seriamente sobre o apelo à justiça dentro da Congregação. Somos uma família global na justiça e não só na caridade. Por isso, devemos preocupar-nos com a necessidade de todos os membros da Congregação em todo o mundo. Devemos apoiar-nos mutuamente, partilhar os nossos bens com os outros confrades e escutar o chamamento para viver austeramente e assim todos possam ter uma vida digna.

6. Teologia Moral

Os redentoristas contamos, já desde S. Afonso, com uma longa tradição do estudo da Moral. E um estudo da Moral como ajuda à evangelização do homem e da mulher concretos com que nos encontramos cada dia no nosso trabalho evangelizador.

6.1. Que Teologia Moral podemos oferecer como Redentoristas?

O nosso estudo e a nossa investigação devem ser resposta às perguntas concretas das pessoas que compõem a Igreja, que querem seguir de perto a Jesus Cristo. Perguntas que brotam com força neste começo do século XXI:

Como seguir de perto a Jesus Cristo, vivendo num tempo sem opções, mas com imposições de todo tipo: económicas, sociais, políticas, culturais? Como comprometer-nos com a construção do Reino Deus numa Igreja com relações desiguais e ambiguidades nos seus questionamentos pastorais? Como anunciar o Evangelho num contexto de secularização, de perda de valores e de pluralismo religioso? Como transmitir esta mensagem de salvação na era das comunicações? Como ter uma palavra face ao fenómeno da manipulação da vida humana ou a situação de pobreza extrema em que vivem milhões de pessoas? Como ser portadores de esperança para os homens e mulheres do nosso mundo?

Como teólogos moralistas, devemos responder a grupos concretos, às pessoas que sofrem e reclamam um mundo melhor, levando uma liberdade interior que renove as pessoas e lhes ofereça um estilo de vida feliz e com sentido.

Como teólogos, falamos a partir de Deus, e o nosso trabalho é pôr de manifesto a proposta evangélica. Como moralistas falamos da vida, do dia a dia, dos sinais dos tempos e dos clamores do Espírito.

A Teologia Moral, ao longo da história, não expõe sistemas completos e fechados que assegurem o “bom agir”, senão que propõe ideais significativos no caminho da fé dos cristãos. A Teologia Moral é uma oferta de maturidade para uma Igreja que procura a plenitude do Reino de Deus. É uma maturidade que implica a entrega total aos valores evangélicos e a comunicação da experiência do amor de Deus a todas as realidades da vida.

6.2. Actualidade da nossa reflexão moral

No século XXI, queremos pertencer a esta Igreja que se interroga sobre o como anunciar a Boa Nova do Reino de Deus a todos. Andamos à procura, tal como anda a nossa Igreja; estamos em crise de maturação e crescimento, como também está o pensamento actual e a cultura. Estamos a caminho da comunhão na pluralidade, como estão também os nossos povos e toda a comunidade internacional.

Por isso, como redentoristas, queremos ajudar com a nossa achega desde a Teologia Moral a construir:

- Uma Igreja com diferentes formas de ver e exprimir a fé: faz-nos falta uma moral que narre uma parábola de comunhão e pluralidade.
- Uma Teologia que se mete no concreto da vida humana e oferece propostas reais e acessíveis aos homens e mulheres de hoje.
- Uma Moral que fala do homem, porque Deus mesmo lhe revelou o que é o homem e – o que é mais importante – o que podemos chegar a ser, animados pelo seu amor.

IV. SECRETARIADO GERAL PARA A EVANGELIZAÇÃO

1. Objetivo geral

O Secretariado Geral para a Evangelização, olhando para o futuro, deseja animar as diversas unidades da Congregação, estimulando a vocação de cada membro. Gostaríamos de procurar novas iniciativas para a evangelização na Congregação, na Igreja e no mundo. A proclamação do Evangelho deve ser Boa Nova que desperta nos ouvintes um sentido e desejo de solidariedade e deve estar aberta aos desafios do nosso tempo, no início do século XXI.

2. Objetivos específicos

- 2.1. Ajudar a reavivar uma consciência missionária entre os membros da Congregação.
- 2.2. Promover uma formação que seja missionária.
- 2.3. Partilhar experiências missionárias e de formação entre as diferentes unidades.
- 2.4. Promover e facilitar o intercâmbio de pessoas e de recursos para responder às necessidades pastorais mais urgentes (comunidades internacionais).

3. Prioridades

- 3.1. Um Instituto para a Evangelização.
- 3.2. Comunidades internacionais (para as necessidades pastorais urgentes).
- 3.3. Novas iniciativas para a evangelização.
- 3.4. Pastoral ordinária, extraordinária, missão ad gentes.
- 3.5. O fenómeno da emigração.
- 3.6. Diálogo interreligioso.
- 3.7. Justiça, paz e integridade da criação.

4. Estratégias

4.1. A nossa estratégia geral é pôr em prática os nossos objectivos para promover, como esperamos, a participação a todos os níveis da Congregação. O Secretariado Geral para a Evangelização trabalhará directamente com os "Coordenadores" de cada Região.

4.2. Estes coordenadores farão de pontes entre o Secretariado Geral e cada Unidade. Desejamos que cada Unidade crie um Secretariado de Evangelização, se ainda não existe.

5. Calendário de temas para o Sexénio

O Secretariado reunir-se-á uma vez ao ano e tratará dos seguintes temas:

2005: Instituto para a Evangelização; comunidades internacionais; novas iniciativas.

2006: Pastoral ordinária; extraordinária; missão ad gentes.

2007: Justiça, paz e integridade da criação; imigrantes; diálogo interreligioso.

6. Relação com outros Secretariados e com o Centro de Espiritualidade Redentorista

O Secretariado deseja poder colaborar com todos os Secretariados Gerais da Congregação.

7. Relações com o Governo Geral

As actas do Secretariado para a Evangelização serão examinadas e aprovadas pelo Governo Geral. O Secretariado deve esperar a aprovação do Governo Geral antes de tomar decisões.

8. Relação com os Superiores (V) Provinciais e os Secretariados (V) Provinciais

Apresentar-se-á um orçamento ao Governo Geral para subsidiar as nossas publicações e os encontros com os animadores e missionários.